



Pacto de leitura ameaçado: O opinionismo nas emissoras de rádio¹

Clóvis Reis
FURB – Universidade Regional de Blumenau

Resumo

O presente trabalho busca identificar os gêneros jornalísticos veiculados nas emissoras de rádio de Blumenau (Santa Catarina – Brasil), classificando os textos de acordo com os critérios de intencionalidade e natureza estrutural dos relatos jornalísticos. A análise dos resultados do estudo indica que as emissoras confundem interpretação com opinião. O hibridismo de gêneros jornalísticos, marcado pelo opinionismo do noticiário, ameaça o “pacto de leitura” entre autor e receptor da mensagem.

Palavras-chave

Gêneros jornalísticos; gêneros jornalísticos no rádio; radiojornalismo, rádio em Blumenau.

1 Introdução

Em jornalismo, a definição de gênero se articula a partir da relação entre o texto e sua função ou finalidade, posto que os diferentes gêneros são uma resposta estrutural e estilística às diferentes necessidades expressivas dos homens (SÁNCHEZ; LÓPEZ PAN, 1998, p. 17). Assim, os gêneros jornalísticos cumprem uma determinada função e servem como horizonte de expectativa para que o receptor entenda qual é a atitude com que o jornalista afronta a realidade e qual é a finalidade do relato jornalístico (MARTÍNEZ-COSTA, 1989). Nesse sentido, são de grande utilidade tanto para o jornalista quanto para o leitor, telespectador ou ouvinte, proporcionando um “pacto de leitura” entre o autor e o receptor da mensagem. (MARTÍNEZ-COSTA; HERRERA, 2005)

No Brasil, um dos pesquisadores de referência nesta área é Marques de Melo (1985), para quem gênero jornalístico é o conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público. A partir de uma distinção

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos – Divisão Temática Jornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



clássica do jornalismo britânico, que separa os textos entre *news* e *comments*, o autor propõe que os relatos se dividem entre informativos (aqueles que narram fatos) e opinativos (aqueles que expressam idéias sobre os fatos). Na primeira categoria incluem-se a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista, enquanto a segunda abrigaria o editorial, o comentário, o artigo, a resenha ou crítica, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta.

Tal distinção está presente nos manuais de redação e estilo dos principais veículos de comunicação do Brasil, que tratam de forma diametralmente oposta as duas categorias de classificação dos gêneros jornalísticos.

O Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo (1992) diz que a opinião é subjetiva e não precisa necessariamente comprovar o seu ponto de vista. Da mesma forma, o Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo (1997) chama a atenção para o fato de que o jornal expõe as suas opiniões nos editoriais, dispensando comentários no material noticioso. Por tal razão, recomenda que o noticiário seja essencialmente informativo.

O Manual de Redação e Estilo de O Globo (1992, p. 33) separa “interpretação” de “opinião”. Entretanto, em ambos os casos, o jornal põe acento na necessidade e importância da informação, tanto para interpretar, quanto para opinar. Quando define “interpretação”, o manual afirma: “Jornal não é oráculo. No entanto, está nas suas atribuições somar dois e dois e chegar a quatro. [...] Em suma, interpretar não é editorializar, mas dar ao leitor elementos suficientes, relacionados à raiz e à essência dos fatos, para que ele forme opinião”.

No rádio, ainda são incipientes os trabalhos que tenham como foco específico os gêneros jornalísticos. Martinez-Costa e Herrera (2005) apontam um estancamento das investigações, observando que os estudos se centram mais em aspectos relativos à programação, produção e tecnologia de transmissão. Diante da insuficiência das propostas teóricas disponíveis, consideram necessária uma teoria dos gêneros radiofônicos que resulte operativa, funcional e que ao mesmo tempo se ajuste à atual narrativa radiofônica.

No caso brasileiro, Barbosa Filho (2003) dá uma valorosa contribuição ao estudo dos gêneros, propondo uma classificação aplicada concretamente ao caso do rádio. O autor divide os gêneros jornalísticos radiofônicos em nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário



jornalístico, mesa-redonda ou debate, programa policial, programa esportivo, divulgação tecnocientífica.

A classificação agrupa numa mesma categoria gênero (modalidade de construção do relato) e programa (conjunto de conteúdos com uma estrutura própria e diferenciada, assim como de uma duração concreta). Um programa comporta o emprego de vários gêneros. O boletim e o radiojornal, por exemplo, incluem a emissão de notas, notícias, reportagens, entrevistas, entre outros gêneros jornalísticos.

O presente trabalho busca identificar os gêneros jornalísticos veiculados nas emissoras de rádio de Blumenau (Santa Catarina – Brasil), classificando os textos de acordo com os critérios de intencionalidade e natureza estrutural dos relatos jornalísticos.

A realização deste estudo representa uma primeira aproximação ao tema no âmbito do mercado radiofônico local. Blumenau constitui um caso relevante de estudo, porque é um município pioneiro na área de comunicação. No município, se instalou a primeira emissora de rádio de Santa Catarina, a Rádio Clube de Blumenau, que entrou no ar em caráter definitivo em 1935. A Clube é a única emissora do Estado com o prefixo PR, característico das mais antigas estações de rádio do país. No momento, Blumenau conta com 13 emissoras de rádio, sendo 11 de âmbito comercial, uma educativa e uma comunitária.

Entretanto, são escassas as iniciativas locais que têm o rádio como objeto de estudo, o que dificulta uma compreensão acerca da sua importância política, econômica, cultural e social como meio de expressão, de comunicação e de difusão da informação. A presente pesquisa busca suprir tal lacuna.

O presente estudo se baseia na análise de 99 relatos jornalísticos veiculados entre 9 e 14 de abril de 2008, das 6h às 8h, nas duas emissoras de rádio de maior audiência de Blumenau, que somam 68% de *share* entre os ouvintes de rádio FM (Ibope, 2007). Ambas as emissoras têm abrangência regional e veiculam uma programação centrada na difusão de música de gêneros populares.

Desde a perspectiva da metodologia científica, classifica-se este trabalho como uma pesquisa teórica (quanto à natureza), descritiva (quanto à tipologia) e quantitativa (quanto à abordagem no tratamento dos dados primários). A mensuração e a avaliação dos resultados do trabalho empregam a técnica de pesquisa denominada análise de conteúdo.



2 Desenvolvimento

Na comparação entre o resultado geral do estudo e a frequência dos relatos com intencionalidade informativa, se verificou que, efetivamente, a maioria dos gêneros jornalísticos da mostra tinha a intenção de reproduzir um fato real. Logo, nenhum comentário, um gênero que os trabalhos anteriores incluem na categoria opinativa, apresentou predomínio da informação. Em oposição, as notícias, que nos estudos precedentes integram a categoria informativa, eram de fato majoritariamente informativas.

Tais resultados acompanham parcialmente a classificação dos gêneros jornalísticos apresentada nos trabalhos anteriores.

Entretanto, na mostra do presente estudo, apenas 10 das 26 ocorrências do gênero entrevista, historicamente classificado como informativo, eram de fato exclusivamente informativas. Em 16 casos se observou a presença de opinião no texto jornalístico, como é o caso da entrevista transcrita abaixo, veiculada no dia 9 de abril, no noticiário de uma das emissoras.

LOCUTOR 1: Está conosco aqui, o presidente do Seterb, R. C. Ele que prontamente... Foi convidado ontem pela equipe do programa, prontamente, está aqui conosco pra responder vários questionamentos da comunidade. Presidente, bom-dia.

...

[Segue-se longa entrevista, com participação dos ouvintes]

...

LOCUTOR 1: São 7h22min. Olha, presidente, nós temos mais um ouvinte na linha. Só com relação à lombada física, presidente, dentro da minha ignorância no que diz respeito aí ao trânsito, eu sou a favor da lombada física. Por quê? Porque é rápido, resolve o problema. Antes da lombada física, que se punam de repente os motoristas, como você diz e tal, quem reduzir a velocidade eu acho difícil ser punido com problemas financeiros no veículo. Mas eu penso que antes de um problema financeiro, tem a vida das pessoas. Tem algumas ruas, presidente, que não comportam o asfalto, porque são estreitas e a velocidade empreendida pelos motoristas... Ah! Mas isso aí são meia dúzia... Tudo bem que são meia dúzia. Mas são meia dúzia que estão colocando em risco a população. É o meu pensamento... Eu concordo com o seu posicionamento,



mas esse é posicionamento é o meu. Vai lá faz um montinho de asfalto, resolveu o problema...

...

[Prossegue a entrevista]

...

ENTREVISTADO: Eu gostaria de convidar a todos, eu sei que aqui nós não temos tempo, inclusive vocês, que têm a responsabilidade de informar bem a comunidade, que nos dessem o tempo de discutir tecnicamente. Eu queria convidar M. e E., por favor, vamos lá, sentamos com os nossos engenheiros para que nós possamos efetivamente fundamentar por que fazemos esse tipo de intervenção e não a lombada física....

Da mesma forma, se percebeu a intencionalidade explicitamente opinativa em cinco das 36 ocorrências do gênero notícia. O resultado contraria as classificações anteriores, que incluem a notícia entre os gêneros jornalísticos da categoria informativa. A notícia transcrita abaixo foi veiculada no dia 14 de abril, no noticiário de uma das emissoras.

LOCUTOR 1: Antes de chamar a nossa unidade móvel, quero informar que, ontem, no final do programa, nós recebemos o telefonema da A., aquela mãe que está esperando bebê, numa gravidez de risco, e que foi marcar uma ultra-sonografia, que tinha a necessidade de fazer com urgência esse exame, e só marcaram pra quatro meses depois, ou seja, quando ela estivesse com seis meses de gravidez... Então, a F., que é lá da radio-escuta da prefeitura, já nos informou que foi telefonado pra A. A., agora você tem que levar a solicitação do exame direitinho onde o pessoal pediu, para que esse seu exame seja agendado ainda pra essa semana. Então, vamos aplaudir o pessoal aí que tomou uma providência nesse caso aí.

TÉCNICA: Efeitos sonoros “aplausos”.

LOCUTOR 1: É humanamente inconcebível que uma mãe com gravidez de risco teve a solicitação de uma ultra-sonografia que seria imediata e se marca pra daqui a quatro meses. Então, está resolvido esse problema. Agora, depende só de você, Alessandra, levar toda a documentação, toda a solicitação, a requisição do exame, para que seja dado o encaminhamento e sai ainda essa semana, com toda certeza.

LOCUTOR 2: (com entusiasmo) Muito bacana! Bela informação!

LOCUTOR 1: Vamos agora às informações da unidade móvel.



Embora os programas tivessem uma intencionalidade predominantemente informativa e com tal finalidade empregassem efetivamente os gêneros jornalísticos historicamente enquadrados na categoria do jornalismo informativo, a análise dos relatos da mostra deste estudo indicou a mescla de informação e opinião em um número representativo de relatos jornalísticos. Com uma frequência relativamente expressiva, as entrevistas e as notícias, gêneros da categoria informativa, incluíram de forma explícita a opinião dos apresentadores dos programas.

De forma genérica, os relatos jornalísticos opinativos ou com mescla de informação e opinião acompanharam as características globais dos demais relatos da mostra. Entretanto, acentuaram-se alguns aspectos. Na comparação com o resultado geral do estudo, verificou-se uma concentração ainda maior de temas da Editoria de Geral, de assuntos com abrangência local e cuja duração superava os dois minutos.

Por outro lado, a seleção dos assuntos baseou-se especialmente na relevância social/interesse público do tema, o que contraria o resultado geral do estudo, que indicou uma concentração de assuntos veiculados a partir do critério do ineditismo.

No caso dos relatos jornalísticos opinativos ou com mescla de informação e opinião, a abordagem dos temas deu-se majoritariamente de forma negativa e a partir de uma crítica direta. Os alvos/objetos prioritários da análise foram a prefeitura, as secretarias ou demais órgãos da administração pública municipal.

Particularmente, chama a atenção a inserção de opinião durante a veiculação de entrevistas e notícias, dois gêneros jornalísticos que integram a categoria informativa. No caso da notícia, o resultado contraria uma definição básica do próprio gênero, que se funda no princípio da transmissão e atualização dos fatos.

Erbolato (1978) enfatiza que a notícia se baseia na informação de atualidade, na comunicação de fatos novos, na novidade em si mesma. Assim, deve ser recente, inédita, verdadeira, objetiva e de interesse público. Os critérios para publicação de uma notícia seriam a proximidade, o marco geográfico, o impacto, a proeminência (ou celebridade), aventura e conflito, conseqüências, humor, raridade, progresso, sexo e idade, interesse pessoal, interesse humano, importância, rivalidade, utilidade, política editorial do jornal, oportunidade, dinheiro, expectativa ou suspense, originalidade, culto de heróis, descobertas e invenções, repercussão e confidências.

Do mesmo modo, Lage (2001), define a notícia como o “relato” de uma série de fatos, segundo uma organização relativamente estável (chamada de componente lógico) e critérios de valor associados à importância ou interesse do tema (componente



ideológico). Os critérios de seleção e ordenação das informações seriam a proximidade, a atualidade, a identificação, a intensidade, o ineditismo e a oportunidade.

Não se trata de definir a notícia como um espelho do real, porque os jornalistas não são simplesmente observadores passivos, mas participantes ativos do processo de construção da realidade, como afirma Traquina (1999, p. 168): “Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento”. Entretanto, o leitor, o ouvinte ou telespectador recebe a notícia, acreditando que seja pelo menos um índice do real, para o que contribui o distanciamento objetivo dos jornalistas em relação aos fatos.

Tais recomendações se aplicam igualmente para o caso das entrevistas.

Medina (1990) define a entrevista jornalística como uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular e dá crédito a uma fonte individualizada. Segundo a autora, em certos casos a entrevista se torna um diálogo, uma busca em comum, na qual o entrevistador e o entrevistado colaboram para que a verdade venha à tona.

Medina (1992) põe acento na entrevista como uma das formas mais maduras de “jornalismo informativo” e diz que o gênero constitui um campo de exibição da competência técnica e da capacidade do veículo de comunicação de restaurar o diálogo social. Suas características fundamentais seriam o domínio de uma linguagem fluente, despoluída de lugares-comuns, substantivada e coloquial, com o ritmo pulsante da própria vida.

Altman (1995) diz que a entrevista é uma atividade semelhante ao instante em que o psicanalista põe seu paciente no divã, com a diferença de que os segredos não ficam restritos ao consultório. Para ele, o sucesso de uma entrevista está na postura do entrevistador, que pode transformar conversas aparentemente inócuas em grandes depoimentos.

3 Considerações finais

A análise dos resultados do estudo indica que as emissoras de rádio de Blumenau confundem interpretação com opinião. Entretanto, a opinião é subjetiva e não precisa necessariamente de comprovação, enquanto a análise procura explicar o noticiário da maneira mais objetiva possível e envolve uma série de procedimentos (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DE O ESTADO DE S. PAULO, 1997).



Interpretar não é editorializar a matéria, mas incluir elementos relacionados à essência dos fatos para que o leitor forme a sua opinião. (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DE O GLOBO, 1992)

Editorializar é uma prática que, quando freqüente, é geralmente negativa, porque indica uma tendência para sobrevalorizar a opinião em relação à informação. A abordagem mais opiniosa do que informativa significa um aproveitamento do canal de que se dispõe (jornal, estação de rádio ou televisão) para veicular ou tentar impor uma opinião pessoal, como adverte Cascais (2001).

Não resta dúvida de que interpretar objetivamente um fato é mais difícil do que informar, já que na análise dos acontecimentos os fatores subjetivos têm mais oportunidade de se manifestar do que quando são simplesmente descritos. (ERBOLATO, 1978)

Entretanto, o hibridismo de gêneros jornalísticos, marcado pelo opinionismo, produz múltiplas implicações, pois os gêneros jornalísticos, como bem assinalam Martínez-Costa e Herrera (2005), funcionam tanto como um modelo de enunciação para os jornalistas quanto um modelo de recepção para os ouvintes.

Assim, se os gêneros são uma ferramenta para o trabalho dos jornalistas, facilitando a tarefa de escrever e promovendo o entendimento entre os profissionais, também permitem que a audiência compreenda a atitude com que o jornalista afronta a realidade e qual é a finalidade do seu texto. Entretanto, o opinionismo que contagia os gêneros supostamente informativos, conforme se constata na análise da mostra do presente trabalho, rompe com esse “pacto de leitura” entre o autor e o receptor da mensagem, o que pode confundir a audiência.

Do jornalista se espera que, ao elaborar uma notícia, divulgue os fatos com imparcialidade, precisão e objetividade, demarcando de forma explícita os espaços nos quais afronta a realidade a partir dos seus próprios pontos de vista. Objetividade supõe pluralidade de fontes, de canais e de núcleos receptores, assegurando que os acontecimentos sejam captados e reproduzidos sob diferentes ângulos e gerando distintas versões. (MARQUES DE MELO, 2006)

Como estabelece o Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo (1992), o jornalista deve abster-se de opinar ou emitir juízos de valor ao redigir uma notícia. O jornalismo crítico não depende da opinião de quem escreve, mas sim da exatidão e imparcialidade dos dados, do registro e confronto de informações e opiniões alheias, o que contribui para a credibilidade do relato.



Por outro lado, quando o eixo da matéria se desloca da exposição e da descrição, centrando-se na argumentação e na opinião, as mensagens deixam o campo da informação e do jornalismo para entrar no terreno da persuasão, da publicidade, da propaganda e das relações públicas. Tais atividades são essencialmente diferentes, como adverte Marques de Melo (1985). Enquanto a publicidade, a propaganda e as relações públicas processam mensagens que pretendem persuadir e levar os cidadãos à ação, apelando para o imaginário, o jornalismo é um processo social que se atém ao real, que busca informar e orientar a coletividade a partir de suas próprias expectativas.

Referências

ALTMAN, F. **A arte da entrevista**. São Paulo: Scritta, 1995.

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

CASCAIS, Fernando. **Dicionário de Jornalismo**: As palavras dos média. Lisboa: Verbo, 2001. P. 76

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

FOLHA DE S. PAULO. **Novo manual da redação**. São Paulo, 1992.

IBOPE – INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA. **Ibope Easy Media 3**. São Paulo, 2007.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular/UFSC, 2001.

MARQUES DE MELO, J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARQUES DE MELO, J. **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

MARQUES DE MELO, J. **Teoria do jornalismo**. Identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.



MARTÍNEZ-COSTA, M. P. **Actualización de las teorías de los géneros periodísticos desde las aportaciones de las categorías literarias**. 1989. Dissertação (Master of Arts en Periodismo). Universidad de Navarra, Pamplona: 1989.

MARTÍNEZ-COSTA, M. P.; HERRERA, S. **Qué son los géneros radiofónicos y por qué deberían importarnos** (2005). Disponível em: <http://gmje.mty.itesm.mx/articulos3/articulo_7.html>. Acesso em: 17 out. 2005: 15:30.

MEDINA, C. A. **Entrevista**. O diálogo possível. São Paulo: Ática, 1990.

MEDINA, C. A. Entrevista. In: MARQUES DE MELO, J. **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992, p. 101-110.

O ESTADO DE S. PAULO. **Manual de redação e estilo**. São Paulo, 1997.

O GLOBO. **Manual de redação e estilo**. São Paulo, 1992.

SÁNCHEZ, J. F.; LÓPEZ PAN. Tipologías de géneros periodísticos en España. Hacia un nuevo paradigma. **Comunicación y estudios universitarios**, número 8, p. 15-35. 1998.

TRAQUINA, N. As notícias. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: Questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1999, p. 167-176.